

Dança funk e eletrônica: qual seria a mais organizada?

Franz Carlos de Oliveira Lopes

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Marli Ferraz Torres Bonfim foi construída na década passada, período em que as reformas educacionais no município de São Paulo tiveram expressivo impacto. O poder público ampliou as contratações, reorganizando os planos de carreira e construiu unidades educacionais de Educação Infantil e Ensino Fundamental, a fim de ampliar a oferta da educação básica obrigatória para as crianças e jovens. A nova configuração da rede demandou realocações de estudantes das escolas do entorno para o novo espaço.

Localizada próxima ao Largo do Jardim Ângela¹, extremo sul da capital paulista, a unidade educacional apresenta uma arquitetura que prioriza a verticalização. Um prédio de cinco andares, onde as aulas de Educação Física comumente acontecem na quadra situada no último pavimento.



Figura 1. EMEF Marli Ferraz Torres Bonfim, que, até 2015, tinha o nome de EMEF M'Boi Mirim III, inaugurada em 2008 com a intenção de ampliar a oferta do Ensino Fundamental.

Em 2018, durante as primeiras aulas com os estudantes das turmas de 8º ano, procurei saber as produções e temas estudados em períodos anteriores. Os esportes e posteriormente as brincadeiras nortearam as ações pedagógicas em momentos passados. Em seguida, propus um equilíbrio nos temas de trabalho como condição de equidade e iniciei uma aproximação dos estudantes com as lutas e danças, mirando relações com

¹ O Jardim Ângela é um distrito da zona sul do município de São Paulo. A região fica às margens da represa do Guarapiranga, nas proximidades do Capão Redondo e do Jardim São Luís.

temas pouco declarados quando os jovens fizeram referências às suas trajetórias escolares.

Entretanto, quando levantada a questão sobre o assunto, muitos jovens se opuseram a estudar as danças. A turma resistiu no início e as falas que se sucederam por muitos dias foram: “mas Educação Física não trabalha com dança, né professor?” “Dançar pra que?” “Eu quero esporte (futebol)!”.

É preciso salientar que esse tipo de discurso nem sempre emana das turmas, não se deve responsabilizá-las por tal fato. Entender as amarras no campo da cultura pulverizadas pelas mídias, família, bairro, praças, campos de várzea², em muitos casos, potencializa práticas esportivas hegemônicas, sobretudo o futebol, e tensiona as relações sociais na ótica de uma monocultura que certamente deve ser questionada.

Retomando a fase inicial, que foi o diálogo com os estudantes sobre qual dança conheciam, muitas falas surgiram: funk, pagode, eletrônica, forró, samba, passinho dos maloka, entre outras.

Após a coleta de informações, perguntei para eles sobre o conhecimento dessas danças no que diz respeito a sua gestualidade. Muitos jovens disseram saber dançar funk, passinho dos maloka e danças eletrônicas. Um acontecimento interessante deu-se a partir da fala de uma estudante: “Professor, a dança eletrônica é mais organizada do que o funk”.

Percebi que por esse caminho o trabalho fluiria melhor. Refletindo sobre aquela afirmação, por vezes me questionei: por que será que a estudante tem como “verdade” que as danças eletrônicas são mais organizadas do que a dança funk? Como será a aceitação da gestualidade da dança eletrônica? Será que os estudantes rejeitam o funk? Se sim, ou não, por quais motivos?

Apesar da oposição de alguns, dei continuidade ao tema com uma roda de conversa para traçarmos os caminhos possíveis. Durante as discussões, foram expostos alguns sentidos sobre a dança funk e a dança eletrônica. Enquanto isso, os badalos da frase: “a dança eletrônica é mais organizada do que o funk” soavam em minha mente. O que me levou a buscar subsídios nas orientações curriculares da Secretaria Municipal de Educação publicadas em 2007, 2016 e 2019 para estabelecer os seguintes objetivos do trabalho:

² Futebol de várzea é um futebol jogado de forma amadora. A várzea é uma gíria para designar algo informal, em alguns casos, “baixo nível”, sem muita estrutura ou apoio, seja em relação a profissionais ou ao espaço. O futebol de várzea é aquele praticado nos campos de bairros, vilas e favelas.

- Experimentar/vivenciar e fruir corporalmente as danças do mundo, incluindo aquelas divulgadas na mídia (TV, Internet etc.); criar e recriar coreografias, individuais ou coletivas, por meio das vivências de danças, foi o primeiro passo.
- Participar e ter voz nos momentos que problematizem os conflitos gerados nas vivências das manifestações da cultura corporal.
- Reconhecer a diversidade cultural presente nas danças, compreendendo-as como fruto das diferenças culturais, mediante as vivências.

Vale lembrar que embora as publicações institucionais tenham sido publicadas em momentos distintos, é notório a influência das ciências humanas, sobretudo dos Estudos Culturais, que se valem de várias linhas epistemológicas e aglutinam os conhecimentos no guarda-chuva das teorias pós-críticas.

Definidos os objetivos, começamos as vivências, durante as quais, os estudantes, em algumas falas, anunciaram que tiveram pouco contato com as danças eletrônicas. O que me levou a buscar na internet, especificamente na plataforma do YouTube, vídeos que poderiam contribuir para nossas leituras e entendimento da gestualidade das danças eletrônicas.

Estava dado o segundo ou terceiro passo das práticas pedagógicas. As danças, jumpstyle, free style, reboation, melbourne shuffle, sensualize, liquid dance, tectonik estavam em um dos materiais estudados, ao ter contato com essas manifestações, cresceu o interesse da turma pelas danças. Algumas perguntas foram feitas sobre as práticas, tais como: “Professor, nós vamos ter que dançar?”; “Vamos apresentar essas danças para outras pessoas?”. Outras colocações foram feitas, algumas permearam o dia a dia dos trabalhos como “Não vou dançar!” ou “Tenho vergonha!”

Entre os propósitos dos primeiros dias da tematização constava estimular os estudantes a experimentar e vivenciar as danças. Para tanto, ficou decidido a criação de grupos, cada qual estudariam com mais profundidade duas danças eletrônicas com vistas a apresentá-las em algum momento. Logo, os coletivos construíram seus laços na relação à prática.



Figura 2. Estudantes praticando um dos gêneros estudados.

Os grupos escolheram as danças com base nos vídeos apresentados nas aulas anteriores, mas também acessaram outros específicos dos seus subgêneros. Na dinâmica do fazer pedagógico, várias formas de linguagens corporais foram acessadas, significadas, ressignificadas, ampliadas e aprofundadas. Isso por entender que as danças ganharam novas interpretações na medida em que tomaram contato com os mais distintos discursos sobre elas.

Entre uma vivência e outra, percebi que uma parcela dos estudantes possuía conhecimentos sobre a dança, o que permitiu ajudar os colegas pouco íntimos da manifestação. É importante deixar explícito que nos diálogos expus uma questão recorrente entre os estudantes, que foi o “dançar bem”, ou seja, a excelência não é um requisito importante, experimentar as relações da dança com a intenção de entender se há uma organização de fato durante as práticas da manifestação cultural era o centro do nosso trabalho, em paralelo, entender as relações de poder atuantes sobre as danças.

No desenrolar dos estudos, alguns grupos perceberam que os passos das danças eletrônicas são parecidos, independente do subgênero escolhido. Os grupos se misturaram para aprender as danças que consideravam interessantes, nesse interim vivenciaram várias formas da dança.

Após um período de aulas, entre atividades na sala de informática, vivências corporais das danças, discussões sobre suas diferenças, impressões sobre as gestualidades específicas, entre outros aspectos, poucos foram os estudantes que continuaram a criticar o trabalho, mesmo assim, um pequeno grupo persistia na ideia que aquilo não se relacionava com a Educação Física. Mais de uma vez, retomei a explicação dos motivos pelos quais estávamos realizando o trabalho.



Figura 3. Estudantes do 8º ano B, apresentando suas produções.

Prosseguindo com as ações didáticas, uma questão sempre levantada pelos estudantes era se as danças praticadas são organizadas. Esse movimento de reflexão intensificou-se durante as vivências que objetivaram socializar os conhecimentos que produziram e reproduziram. Nos momentos de exposição, analisaram-se os subgêneros das danças eletrônicas, suas histórias, locais de prática na cidade e diferenças de aceitação por parte de grupos nos territórios.

O funk, que fora escolhido por um dos grupos, fez circular os significados mais diversos: “proibidão”, putaria, ostentação, consciente, melody, entre outros. No entanto, muitos se opuseram a vivenciar essa dança. Em função disso, tomamos outro caminho e iniciamos um debate sobre os motivos da resistência, ou seja, a dança eletrônica foi bem aceita por praticamente todos da turma, já o funk não teve a mesma acolhida.

Reconhecer a diversidade presente nas danças, compreendendo-as como fruto das diferenças culturais mediante as vivências era um dos objetivos do estudo. As conversas deram a impressão que caminhávamos para alcançá-lo. A turma começou a reconhecer tais diferenças quando se opôs a vivenciar o funk.



Figura 4. Estudantes produzindo suas danças.

Retomei a fala inicial da estudante a respeito da organização e indaguei a turma: “A dança eletrônica é mais organizada do que o funk ou é mais aceita por uma parcela das pessoas?”. Continuei: “Muitos não querem estudar a dança funk, mas, com às danças eletrônicas, foi o contrário”. “Por que será que essa rejeição está acontecendo uma vez que sempre vejo nos corredores da escola muitos alunos ouvindo funk?”

Obtive como resposta que algumas letras das músicas funk fala “palavrão” e, em outros casos, são muito sensuais. Houve quem dissesse que a manifestação contrária surgiu por conta dos familiares que não ficaram convencidos sobre a importância do trabalho com as danças. Um grupo menor disse, ainda, que não gostava de funk. Essas colocações me levaram a reiterar a intenção do trabalho com as danças e estimular a problematização das representações que certamente levavam à rejeição da manifestação.



Figura 5. Estudantes do 8º ano B, apresentando suas produções.

Depois de muitas “resenhas”³, o trabalho seguiu, praticamente todos vivenciaram o funk na mesma dinâmica, em grupos, com escolha dos subgêneros, criaram e recriaram a gestualidade, além de intercambiar concepções sobre as danças no âmbito social.

Os estudantes experimentaram e vivenciaram corporalmente as danças, criando e recriando coreografias individuais e coletivas. Suas vozes foram valorizadas, fizeram escolhas dos subgêneros, enquanto problematizaram os conflitos. Ou seja, foram potencializados pelas falas e emanaram das situações didáticas. Com isso, posicionamentos distintos gerados no decorrer das vivências das manifestações, bem

³ Na gíria, a resenha representa uma longa conversa que em alguns casos fica chata, segundo os próprios estudantes.

como o reconhecimento da diversidade cultural presente nas danças, parecem ter sido contemplados.

Avalio termos coletivamente alcançado os objetivos propostos. Entretanto, como conclusão desse fragmento pedagógico, caminho para outras análises que derivam do ponto de partida da tematização. Um dos primeiros princípios da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no artigo 2º, décimo parágrafo é: “valorização da experiência extra-escolar”.



Figura 6. Estudantes do 8º ano B, finalizando as práticas.

Nesse sentido, ouvir os estudantes deve ser uma ferramenta primordial para impulsionar a construção da prática pedagógica, sem deixar de considerar o Projeto Político Pedagógico. Outro ponto a destacar são as linhas teóricas que sustentam essa prática, assumidamente inspirada na perspectiva pós-crítica e, em específico, nos Estudos Culturais. Esse campo teórico levou-me a mobilizar a noção de “texto”⁴ para entender as narrativas dos estudantes.

A dicotomia entre ambas as danças e sua aceitação social no período estudado é mais um ponto a ser ressaltado. A dança eletrônica dentro da prática pedagógica estava envolta pelo capital simbólico valorizado por certas estratificações sociais ditas “superiores” e, em alguns casos, como as “melhores”. Esse movimento está na lógica do capital cultural institucionalizado com valor social agregado nos meios das classes ditas

⁴ “Textos” e práticas cuja principal função é significar, produzir significados ou servir de ocasião para produzir significados, portanto, cultura, sob essa ótica, têm laços nas teorias estruturalistas e pós-estruturalistas que entendem esse conceito como “práticas significantes”

“dominantes”. Por esse motivo, entre outros, alguns estudantes aceitavam as danças eletrônicas com menos resistência do que o funk.

Todavia, por mais que a dança funk possa ser tomada como “subcultura”, na qual os valores, atitudes e comportamentos são considerados desviantes de certos padrões, os Estudos Culturais afirmam que os “textos” produzem significados que estabelecem sentidos aos grupos sociais e, por esse motivo, devem ser validados e, na escola, amplamente estudados.

Logo, a conclusão que alguns estudantes chegaram foi de que os passos de funk e eletrônica são bem diferentes, a primeira dança, segundo eles, mexe mais com o quadril rebolando e a segunda utiliza mais os pés, contendo vários estilos. Quando retomei a ideia da organização da dança, muitos responderam que não achavam as danças organizadas. Ainda assim, parece que trazer a problematização sobre as danças gerou discussões importantes e olhares distintos dos estudantes que ampliaram, aprofundaram e ressignificaram suas ideias em relação às manifestações estudadas.